



# NÓS DA ESCOLA

**Diversidade e respeito:**  
palavras de ordem em escolas do Rio



Alunos se  
divertem aprendendo  
na **Ilha de Paquetá**



**Azoilda Trindade** ensina como lidar  
com as diferenças em sala de aula





# "Professora, ele não é brasileiro, é paraíba..."

Década de 1980, turma de 7ª série, escola municipal da Zona Sul do Rio de Janeiro e a professora querendo saber, no primeiro dia de aula, quem era cada aluno ali sentado.

Perguntou nome, idade, onde cada um havia nascido. Cada aluno respondia e, de repente, há um que se precipita, sem deixar o colega falar e diz a frase que dá o título a este texto. E aí?

Professora pára e estimula o paraibano, já envergonhado, a falar. Ele vem de Campina Grande, ela destaca a importância da cidade. Falam sobre o rico folclore e os olhos do menino começam a brilhar. Outros se animam a contar as origens nordestinas de suas famílias.

Este pequeno relato ilustra a importância que se deve dar e o respeito que se deve ter em relação à história de cada um de nós.

A identidade é um dos núcleos conceituais da MultiEducação. Além da identidade individual e grupal, nosso Núcleo Curricular Básico propõe a discussão da identidade do sujeito na sua cultura, tendo cada escola a tarefa de construção de seu próprio projeto político-pedagógico, considerando a inclusão deste conceito.

Reforçar a identidade de alunos e professores respeitando a pluralidade e criando condições mais favoráveis à expressão das nossas diversas identidades como cidadãos brasileiros e latino-americanos, enfim, cidadãos do mundo, deve estar no nosso caminhar.

No uso das diversas teorias que iluminam o nosso fazer e refazer pedagógico, queremos realizar nossos sonhos de professores e professoras, na direção que garanta a todos os nossos alunos e alunas a construção de conhecimentos sintonizados com o nosso tempo e em busca da transformação para a cidadania plena.

Que cada sala de aula seja mesmo do tamanho do mundo!



**Sonia Mograbi**  
Secretária de Educação da Cidade do Rio de Janeiro



## Azoilda: Admiradora de gente

Ela tem 43 anos e se autodefine como “uma aprendiz”. Na rotina de sua prática educativa, Azoilda Loretto Trindade, professora da rede municipal de Educação do Rio de Janeiro e coordenadora do curso de Pedagogia da Universidade Estácio de Sá, sempre se pergunta e estimula seus alunos a perguntarem o porquê disso ou daquilo. “Sou fascinada por gente. Acho importante que as pessoas pensem o porquê das coisas e porque lidamos com o outro”, costuma dizer. Extremamente crítica, Azoilda, que trabalha como assessora da 2ª Coordenadoria Regional de Educação, atua em movimentos que têm as questões raciais, de gênero e culturais como tema de discussão. Em entrevista à repórter Viviane Viana, a educadora fala desses assuntos e aponta caminhos para o professor lidar com eles dentro e fora da sala de aula.

O que é identidade?

Se dissecarmos a palavra teremos algo relacionado com idêntico, idem, igual. É a busca de igualdade entre as diferenças. É algo que faz você igual ao outro. Se pensarmos num sentido mais amplo, identidade é aquilo que me relaciona a determinado grupo, como identidade feminina, identidade negra. Não gosto, no entanto, da idéia de identidade generalizada, como dizer que negro gosta de samba. Nem todo negro gosta de samba. ▶

**Como se constitui a identidade?**

A identidade é produzida na história, nas vivências que temos, nas relações sociais, nos encontros, nos desencontros, nos conflitos e embates entre as pessoas. Na relação com o mundo você aprende a ser em comum com o outro. Ninguém nasce com identidade. Ela é construída nas mediações, nos diálogos. Não se trata de uma coisa dada. Se levarmos um bebê europeu para a África ele pertencerá àquele grupo, com as devidas marcas culturais. Na verdade, as pessoas são tão singulares e tão diversas que, se esmiuçarmos a questão da identidade, veremos que há muito mais diferenças que identidade.

**Os professores sabem lidar com as 'identidades'?**

Temos muito a fazer. Ainda domina uma visão estereotipada pelo ideal do Brasil cordial. Um país que não tem racismo, onde todos se entendem. Precisamos estudar a aprendizagem da diferença e práticas novas porque, infelizmente, não temos uma formação que dê conta disso. Mais do que trabalhar com a presença negra e indígena, é preciso analisar como isso hoje pode estar presente e como damos conta no nosso dia-a-dia.

**Como o professor deve lidar com a heterogeneidade da sala de aula?**

A diferença deve ter a mesma garantia que qualquer outra possibilidade de viver. O que o professor fala é interpretado por alunas e alunos a partir de seus referenciais. Esse é o grande desafio e só tem uma saída para resolver: a conversa, a aproximação, a valorização do coletivo, práticas que a escola, muitas vezes, breca. Devemos escutar, ouvir o que a criança está dizendo, e ouvir com o corpo inteiro. É preciso ver o que o aluno traz. Todos nós trazemos um infinito em nós mesmos. São muitas experiências e histórias. A começar pela história do nome, que carrega várias outras histórias. Discutir o porquê de uma criança ter recebido aquele nome já é um exercício para trabalhar a diversidade e a identidade.

**Mas como o professor pode trabalhar a diversidade em turmas de 30 alunos?**

É um desafio. Os trabalhos em grupo surtem um efeito miraculoso. É no coletivo, na troca de experiências, no diálogo, que as saídas aparecem. No diálogo do professor ou da professora que acredita nele mesmo e no outro, milagres acontecem. Pode-se trabalhar com a pedagogia da potência, onde tudo é diferente, sem igualdade, e onde cada aluno é um ser humano. A diferença é o que é a identidade. Como o professor vai dar conta disso? Com aceitação e respeito pela vida que vai trabalhar. Deve-se mudar o paradigma da falta para o da potência. Cada um é único. Aquele é meu aluno e é com ele que preciso aprender a lidar. É preciso descobrir nossas potencialidades e riquezas como ser humano e aprender a perceber as riquezas dos alunos. Não vamos mais olhar o outro como coitadinho, carente, infeliz. Temos que quebrar preconceitos e valores conservadores para acolher a diferença.

**Aceitar a diferença, mesmo entre professores, não é tarefa fácil...**

Uma professora acredita que os alunos devem formar filas, outra acha isso uma bobagem. Uma colega pensa ser o certo formar círculo em sala de aula, outra prefere um aluno atrás do outro. Essas coisas simples já marcam o conflito na escola. As relações humanas, as relações do cotidiano escolar, são relações em constante movimento. Esse movimento é conflito, é impasse, é diálogo, não é uma coisa linear e tranqüila. Deve-se chegar a um acordo para que as diferenças sejam respeitadas. É possível esse convívio, mas cada um deve abrir mão do seu sectarismo. ▶

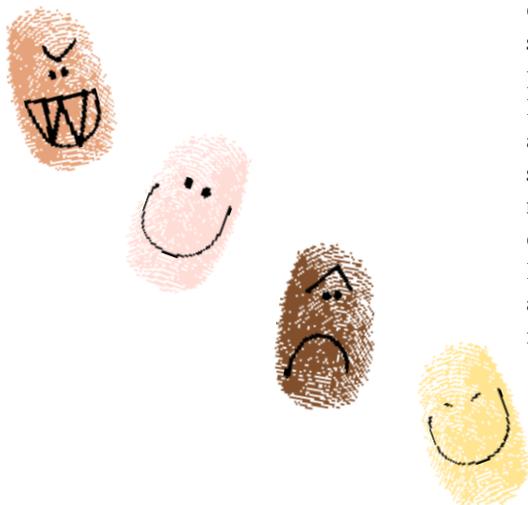
**“Deve-se mudar o paradigma da falta para o da potência. Cada um é único. Aquele é meu aluno e é com ele que preciso aprender a lidar.”**





Como mostrar aos alunos que o diferente é bom?

Garantindo que a diferença esteja presente. Eles só aprendem convivendo com o que não tem dente, com o baixo, o magro, o gordo, o alto. E a escola pública é muito rica porque propicia a entrada da diferença. O professor precisa abrir o livro, navegar na internet, se abrir para os novos conhecimentos. Ele tem que pesquisar sua própria prática, tem que ser um eterno aprendiz. Se o professor tiver paixão em aprender, com certeza ele vai ter práticas que estimulem a paixão pela aprendizagem, pelo conhecimento e pelas novas descobertas.



No livro *Multiculturalismo – Mil e uma faces da escola*, a senhora diz que a formação docente muitas vezes é marcada por preconceitos. De que forma aparecem esses preconceitos?

Um exemplo simples é o uso generalizado do gênero masculino. Há um aluno numa sala repleta de meninas e dizemos “os alunos”. Nos textos, lemos “o professor”. Mas que professor é esse? ‘O’ é diferente de ‘A’. O homem não significa todos os seres humanos. A gente repete e não se dá conta que está invisibilizando um grupo. Os próprios trabalhos nas escolas costumam retratar meninos louros, de pele clara. Se o professor olhar com cuidado verá que a escola é um mosaico de pessoas, de cores, de texturas e de tamanhos. Adotar um padrão como se fosse o único é perverso porque a criança vai começando a ter vergonha dela. Este ano visitei escolas e observei que as crianças recortaram fotos de mães louras, Vera Fischer e Carla Perez, para o Dia das Mães. Essas são mães de quem? É só ligar a televisão, vasculhar as revistas para ver o padrão incutido subliminarmente. E aí, se você não coloca sua imagem, a imagem do seu filho, a imagem do seu aluno no palco, com a beleza e o respeito merecidos, a criança vai detonar um processo de negação. Ela começa a pensar: “Bem, se não apareço, não sou legal; se minha mãe não aparece, ela é feia”. ■

Os jovens cariocas querem rock, funk, pagode e... forró! Isso mesmo! A febre da vez da garotada do Rio é o ritmo nordestino que, assim como o samba, tem origem africana.

## Farra que vem da África

**Forró** vem do termo forrobodó do banto africano, que quer dizer arrasta-pé, farra, troça, confusão, desordem, rolo. Assim como o samba, o forró mistura influências africanas e europeias.

Saiba mais:

[www.baiao.cjb.net](http://www.baiao.cjb.net)  
[www.fol.8m.com](http://www.fol.8m.com)  
[www.portalforro.rg3.net](http://www.portalforro.rg3.net)



Peça do acervo de Eva Marques, feita em Caruaru (PE) na década de 1950 (autor desconhecido)

O forró está na boca e no pé da garotada carioca. À noite, por onde se anda no Rio, ouve-se o som gostoso tirado da combinação do acordeão com o triângulo e a zabumba. “Dançar **forró** é agradável e gostoso demais”, diz a ‘forrozeira’ Carolina Saavedra Durão, 20 anos. Estudante de Cinema da Universidade Federal Fluminense (UFF), a jovem frequenta shows e casas noturnas onde o ritmo nordestino é a atração.

“Costumava dançar na Feira de São Cristóvão, mas, agora, estou preferindo ir a shows e ao Malagueta, em São Cristóvão”, dá a dica. Apesar de dançar forró há mais de quatro anos, Carolina tem apenas uma vaga ideia de sua origem. A história que a estudante conhece é a mesma que muitos outros jovens de sua geração também já ouviram falar: a que dá conta que a palavra forró vem da expressão da língua

inglesa *for all* (para todos). Segundo essa versão, por ocasião da inauguração da primeira estrada de ferro no interior de Pernambuco, construída pela companhia inglesa Great Western, foi feito um baile ao som de zabumba e sanfona. Um cartaz, afixado na entrada, convidava a todos com os dizeres: *for all*. A partir daí, os bailes populares passaram a ser chamados de forró.

Pesquisadores, no entanto, repudiam esta hipótese. Eles dizem que desde o século XVII, portanto bem antes dos ingleses construírem as malhas ferroviárias no Brasil, já se fala em forrobodó. Por esta explicação, o termo forró se torna uma redução de forrobodó. Como gênero musical, o forró pode ser considerado filho do baião. Nascido no Nordeste, o ritmo só foi apresentado ao Sul na década de 1940 pelo compositor pernambucano Luiz Gonzaga. ■



## Onde diversidade “rima” com respeito

Cidadãos de qualquer idade, autônomos e livres, cientes de seus direitos e deveres, sensíveis e criativos têm suas preferências, suas crenças e medos, limites e possibilidades. Como as impressões digitais, que são absolutamente distintas, não há uma pessoa igual a outra. Assim, a escola e a sala de aula não podem ser entendidas, desde a sua criação até hoje, como lugares que reúnam pessoas iguais, ainda que todas sejam da mesma idade, nascidas em um mesmo bairro, cidade ou país. A terceira Diretriz Curricular Nacional destaca a importância da valorização dessas diferenças para a constituição das personalidades e da identidade de cada indivíduo.

Com sotaque carregado, a pernambucana Natália Inês Gonçalves, 12 anos, um ano e meio no Rio, tenta aprender a falar como carioca. “Os colegas de classe ficam mangando de mim, por isso quero falar como eles”, confessa a aluna do **Ciep Elis Regina**, no Complexo da Maré, que gosta, nos finais de semana, de passear nos supermercados da Barra da Tijuca. “O jeito dela falar é engraçado, mas é bonito”, diz Luan Carlos Gomes, nove anos, colega de Natália na turma de aceleração.

Do outro lado da cidade, Tatiana de Paula Bárbara, 14 anos, Rodrigo Souto Chaves, 15, e Priscila Silva, 14, enfrentam conflitos diferentes. Alunos da **Escola Municipal Professor Albert Einstein**, no condomínio Novo Leblon, na Barra da Tijuca, e moradores da Zona Oeste, eles são considerados mal-educados pelos estudantes do colégio particular vizinho à escola. “Aqui tem muitas patricinhas e mauricinhos”, ressalta Priscila.

Natália e Tatiana são exemplos de adolescentes com experiências, preferências e tipos físicos diversos, características que as tornam únicas. Em comum, apenas o fato de serem alunas da rede municipal de educação. Lidar com essa diversidade – geográfica, ética, cultural e econômica –, que separa as duas jovens, assim como inúmeras outras, é uma tarefa difícil tanto para educadores quanto para alunos. “É importante que eles aprendam que têm direitos e deveres, assim como os professores”, observa Valéria de Araújo, 44 anos, professora de Natália no Ciep Elis Regina, no Complexo da Maré. ▶

O Ciep Elis Regina tem 593 alunos, entre quatro e 14 anos, distribuídos entre as classes de Educação Infantil e a 4ª série do Ensino Fundamental. A escola recebe alunos de seis das 16 comunidades que formam o Complexo da Maré.

A E.M. Prof. Albert Einstein tem cerca de mil alunos, entre 10 e 18 anos, distribuídos em turmas da 5ª à 8ª série, provenientes de várias regiões da Zona Oeste (Barra da Tijuca, Recreio, Campo Grande, Sepetiba, Pedra de Guaratiba, Vargem Grande, Cidade de Deus e Rocinha). Seis alunos moram no condomínio Novo Leblon.

Tatiana reclama dos “mauricinhos” que estudam na escola privada ao lado da sua



Ao realizarem atividades em grupo, os alunos aprendem a se respeitar



A próxima revista vai tratar de teorias, conhecimentos e suas consequências nas práticas pedagógicas estabelecidas no projeto de cada instituição.

O meu pai era paulista/Meu avô, pernambucano/O meu bisavô, mineiro/Meu tataravô, baiano/Meu maestro soberano/Foi Antonio Brasileiro (*Paratodos*, Chico Buarque).

Para destacar a importância do reconhecimento das diferenças para a constituição da personalidade e da identidade de cada um, a segunda Diretriz Curricular Nacional da Educação Infantil e do Ensino Fundamental destaca, como questão central, na construção de um projeto pedagógico, o direito de cada um que integra a comunidade escolar ser único. Sem esquecer, ainda, que todos são parte de “outros todos”.

Cada instituição educacional tem suas especificidades, sua identidade própria. Assim, cada escola precisa explicitar no seu projeto pedagógico “o reconhecimento da importância da identidade pessoal de alunos, suas famílias, professores e outros profissionais e a identidade de cada unidade educacional no contexto de suas organizações, ou seja, nos seus respectivos sistemas de ensino”. (DCNEI e DCNEF)

As escolas de Natália e Tatiana tiveram este cuidado. No Ciep Elis Regina, identidade foi tema de atividades no início deste ano. Lá, além de responderem perguntas sobre suas famílias, amigos e preferências, os alunos tiveram que completar uma certidão de nascimento com seus dados. “Algumas crianças nem sabiam que tinham este documento”, conta a diretora adjunta do Ciep, Sueli Josefa de Lima de Carvalho, 35 anos.

Na E.M. Prof. Albert Einstein os alunos também responderam a um questionário de auto-avaliação, cujas perguntas tinham como tema suas preferências, tipo físico e família.

A Escola Municipal Professor Albert Einstein, no Condomínio Novo Leblon, na Barra da Tijuca, recebe alunos de toda a Zona Oeste. No Ciep Elis Regina estudam alunos de pelo menos seis das 16 comunidades que formam o Complexo da Maré, em Bonsucesso



Alunos da turma de aceleração do Ciep Elis Regina, no Complexo da Maré, descobrem quem foi a cantora pesquisando capas de discos

A tarefa constituiu a primeira etapa do projeto político-pedagógico da escola, que tem como eixo a terceira diretriz (identidade) e aborda assuntos como consumo e trabalho, convívio escolar, ética, solidariedade e cidadania.

Temas que certamente influenciam pais, filhos, professores e demais integrantes de uma determinada comunidade e definem suas identidades junto com outros aspectos que constituem a cultura. Tais como gênero (masculino e feminino), etnia, idade, aparência, nível de desenvolvimento físico, psicolingüístico, socioemocional e psicomotor e situações socioeconômicas etc.

As questões essenciais que envolvem e explicam a natureza das personalidades humanas devem ser entendidas à luz de variadas teorias a partir de diversas ciências, que dêem conta de sustentar a multiplicidade de dimensões que nos caracteriza como seres humanos. Sem isto, não podemos conviver e garantir o espaço das individualidades em ações diversas. ▶

Todo dia tem folclore... mesmo o calendário indicando apenas o dia 22 de agosto. O folclore reúne conhecimentos, crenças e tradições populares. “Algumas de origem religiosa, outras ligadas às tradições regionais ou nacionais. O afoxé, o bumba-meu-boi, o cirio de Nazaré, as congadas, o fandango, as festas juninas, o maracatu, o peão de boiadeiro são algumas das principais manifestações do folclore brasileiro”. Os conhecimentos e tradições populares estão expressos ainda na poesia, na música, na moda, na culinária, nas técnicas de cultivo, na produção de alimentos, na construção de moradias etc.

Conhecimentos, valores, linguagens e afetos, integrados aos aspectos essenciais do comportamento humano, devem se traduzir em práticas pedagógicas que integrem os princípios definidos pela instituição, as diferentes áreas de conhecimentos e os aspectos da vida cidadã.



Show que aconteceu em 1985, em homenagem ao Live Aid, com renda revertida para a campanha contra a fome na África. O show foi transmitido pela TV e aconteceu, ao mesmo tempo, nos EUA e em Londres.



Estimular diferentes atividades, individuais ou em grupo, enriquece o processo de aprendizagem dos alunos

Propor aos alunos, por exemplo, que trabalhem individualmente, mas também aprendam a agir em pares e grupos, dentro da sala de aula e na escola, deve ser um procedimento essencial para uma relação produtiva de aprendizagem. Aprender a conviver respeitosa e construtivamente com a riqueza das diferenças entre os seres humanos é um dever e uma necessidade.

É desejado, portanto, que a escola seja um espaço que integre alunos, professores e demais profissionais, respeitando suas identidades e as diferentes situações familiares. Também é preciso que a escola identifique e valorize as histórias que se expressam nas múltiplas etnias presentes na sociedade brasileira, os aspectos religiosos, econômicos e culturais, “sem esquecer das necessidades especiais de educação e cuidados, como um direito daqueles com deficiências de qualquer natureza”. ■

**Fique atento!**

Para uma compreensão ampla de quem somos nós e de toda a plenitude que nos caracteriza, muitas informações são necessárias. Para quem trabalha com crianças e jovens, como os professores, um nível de excelência em competência técnica e profissional deve ser desejado. Mas, para se criar projetos de qualidade em espaços educativos é necessário adotar alguns procedimentos, que tenham como balizadores as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs).

A primeira diretriz ressalta a importância dos princípios Éticos, Políticos e Estéticos para nortear a organização das propostas político-pedagógicas articuladoras das práticas escolares. As DCNs indicam as questões-chave de cada um destes três princípios. Como diz o texto original da lei, publicado na revista *Nós da Escola* número 2, “nada impede que cada comunidade escolar amplie e aprofunde os princípios para enriquecer o trabalho, além dos indicados”.



## Em Paquetá, estudo é sinônimo de diversão

Está na hora de ir para a Escola Municipal Joaquim Manoel de Macedo, na Ilha de Paquetá. Alunos e professores preparam-se para pedalar suas bicicletas ou caminhar pelas ruelas de chão batido.

Na sala de aula, estudantes aprendem lições de Ciências a partir da natureza local. A professora Marlene do Amaral, 47 anos, recolhe com seus alunos folhas e flores de árvores típicas que serão usadas em sala. “Paquetá é um grande quintal. Sabemos onde as crianças moram. Lecionar aqui é tranquilo e diferente dos outros bairros do Rio”, diz Marlene.



Os professores costumam utilizar exemplos da realidade de Paquetá para trabalhar os conceitos e conteúdos. Depois que os alunos estudam, por exemplo, os meios de transporte da ilha, os professores falam sobre os meios de locomoção nas grandes cidades. Partir do local para chegar ao global é, segundo os professores da Joaquim Manoel de Macedo, uma maneira de despertar o interesse dos estudantes.

Paz e tranquilidade são as características da rotina do paquetaense. “Durmo de janelas abertas. Na escola, deixo minha carteira em cima da mesa. Se fizesse isso no Rio...”, diz a diretora Maria Cristina da Silva, 45 anos, ex-aluna da escola.

Para se ter uma idéia da calma dos moradores da ilha, enquanto a equipe da MULTIRIO estava na escola, o aluno Fabrício Rodrigo da Silva, quatro anos, entrou na sala da direção com um hematoma no rosto. O menino brincava com os colegas no recreio e caiu. O tombo e o “galo”, que fariam qualquer criança berrar, não abalaram o garoto. Calmamente ele explicou à professora como caiu e esperou com paciência pelo remédio. ▶

### Nada de "games" e jogos eletrônicos

Na ilha, as brincadeiras de criança ainda são pique-cola, pique-esconde e queimado. Nada de *games* e jogos eletrônicos, que prendem a garotada em casa. A escola é uma diversão. Quem cabula aula fica em casa sozinho e não tem com quem brincar. "Gosto muito de vir para cá (escola). Meus colegas todos estão aqui. O que farei em casa?", pergunta Herivelto Andrade Correia, 15 anos, aluno da 3ª série do Ensino Fundamental.

Os pequenos moradores de Paquetá se acham muito diferentes das outras crianças. "Quando vou visitar meu primo em Botafogo, vejo uns meninos sujos na rua com roupas velhas e rasgadas", conta Thuaney Monteiro, sete anos. Vitor Machado, também com sete anos, fala mais alto e interrompe a colega de turma: "Lá tem muito carro. Não sei como eles não têm dor de cabeça. Fico tonto quando vou ao Centro. Fico com medo".

### Crianças estranham modo de vida no Rio

A rotina das "crianças do Rio" causa uma certa estranheza aos estudantes da ilha. "Para mim, o pior é eles terem que andar de ônibus, fico muito enjoada. Balança muito", afirma Bárbara Cristina de Oliveira Neves, sete anos. "No Rio, as crianças são muito fechadas. Elas moram em apartamentos pequenos e não podem ter cachorro. E quem tem precisa tomar conta, porque se ele fugir, morre", acredita Júlia Tavares Guimarães, oito anos.

Embora todos digam que têm orgulho de morar na ilha, muitos têm vontade de se mudar para o Rio. Quem já fez a mudança, sabe bem que não é fácil a adaptação. Marlene do Amaral que o diga. Ela se mudou para o Rio, mas, depois de trabalhar três meses em Deodoro, na Zona Norte, decidiu voltar à terra natal. "Senti falta da nossa tranquilidade", confessa. Tranquilidade que faz Kissia de Souza, nove anos, afirmar, convicta, que Paquetá "é um paraíso". ■

### Romancista do século XIX

Joaquim Manoel de Macedo, nome dado à escola de Paquetá, faz parte da história da ilha. Macedo nasceu em Itaboraí e foi um dos principais romancistas do século XIX. Seu livro mais popular é *A Moreninha*, romance publicado em 1844, que tem Paquetá como cenário para a paixão entre o estudante Augusto e a delicada Carolina.

Jornalista, teatrólogo, professor, poeta, Joaquim Manoel de Macedo teve uma carreira intelectual ativa. Além de vários romances, escreveu 16 peças de teatro; fundou, junto com Gonçalves Dias e Araújo Porto-Alegre, em 1849, a revista *Guanabara* e lecionou no Colégio Pedro II.

Sua produção literária lhe valeu a cadeira número 20 da Academia Brasileira de Letras (ABL), hoje ocupada por Murilo Melo Filho. Entre as obras do romancista estão: *O moço louro*, *Os dois amores*, *Rosa e Vicentina*. O escritor morreu aos 61 anos, em 1882.

### Saiba mais:

[www.academia.org.br/cads/20/joaquim.htm](http://www.academia.org.br/cads/20/joaquim.htm)  
[www.paqueta.online.hpg.com.br](http://www.paqueta.online.hpg.com.br)



## PELA WEB

[www.edutecnet.com.br](http://www.edutecnet.com.br)

O site traz conteúdos de tecnologia e educação, notícias e eventos, e links com as principais bibliotecas virtuais do país, museus, escolas e lojas virtuais.

[www.klickeducacao.com.br](http://www.klickeducacao.com.br)

Sugestões de livros, cursos, fórum, matérias, temas pedagógicos, banco de projetos, dicas de aulas, além de mural para professores.

## FILMES

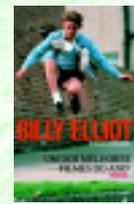
### Quem é Você?

Televisão Produções Audiovisuais  
 Documentário (1994)

Qual é a primeira imagem que nos vem quando pensamos no Japão? *Hara-kiri*, gueixa ou sushi? E nos EUA? *Cheeseburger* ou Michael Jackson? É a partir de estereótipos como esses que as pessoas identificam os lugares e culturas. No vídeo, 21 pessoas de diversos países descrevem essas imagens.

### Billy Elliot

Direção: Stephen Daldry  
 Longa-Metragem (1999)



Billy é um garoto de 11 anos que vive numa pequena cidade da Inglaterra e onde o principal meio de sustento da população são as minas de carvão. Obrigado pelo pai a treinar boxe em uma academia, onde também há aulas de *ballet*, Billy fica fascinado com a magia da dança. Ele resolve, então, pendurar as luvas de boxe e fazer *ballet*.

## LIVROS

### Para sua atualização



A mulher escondida na professora  
 Alicia Fernandez  
 Artmed (1995)

Neste livro, a autora analisa o vínculo entre quem ensina e quem aprende, destacando a figura feminina (professora, mãe). Ela enfatiza que o não reconhecimento das diferenças de gênero causa prejuízo no trabalho de ensinar.

### Para a garotada

O tesouro das cantigas para crianças  
 Ana Maria Machado  
 Nova Fronteira (2001)

O livro permite que os pais resgatem uma prática que há muito se perdeu em meio à correria do dia-a-dia: brincar com os filhos e sentar junto com eles para cantar as velhas cantigas de roda.

### Para você

Esse sexo é feminino!  
 Patrícia Travassos  
 O Nome da Rosa Editora (2001)

Ágil, crítica e deliciosamente despreziosa, a atriz Patrícia Travassos revela neste livro sua disposição natural para o humor e para discutir o que chama de "coisas de mulher". Confira!

## Agenda



### Acervo



O Museu do Folclore Edison Carneiro põe à disposição das escolas parte do seu acervo de cultura popular contemporânea.

O projeto, que faz parte do programa educativo do museu, permite que os professores levem para a sala de aula as obras disponíveis. Para quem quiser trabalhar com alunos identidade cultural, é uma oportunidade imperdível! Informações pelo telefone 2285-0441. Endereço: Rua do Catete, 179, Catete.

### Mulher

O Rio Mulher, assessoria especial da Prefeitura que realiza ações voltadas para a questão da mulher, estará promovendo no dia 8 de março uma série de atividades em comemoração ao Dia Internacional da Mulher. Informações: 2503-4622.

### Leitura



O Proalfa (Programa de Alfabetização da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) promove, na última segunda-feira de cada mês, o **Ciclo de Estudos em Alfabetização**. Este ano, o tema tratado será *Discussões sobre a prática pedagógica: leitura e escrita*. Os encontros acontecem das 18h às 20h. Telefone: 2587-7791.

### Psicopedagogia

A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro vai oferecer, a partir do dia 19 de março, o curso de pós-graduação *Psicopedagogia diferencial na educação inclusiva: diferenças na aprendizagem*. A inscrição deve ser feita até 22 de fevereiro. Informações: 0800-909556.

### Teatro



O Museu do Teatro exhibe até o mês de março a exposição *Maria Clara Machado*. Figurinos, fotos, catálogos de peças, programas e cartazes contam a história de uma das maiores autoras infantis do país. O endereço do museu é Rua São João Batista, 103/105, em Botafogo. Informações pelo telefone 2286-3234.

Oito anos produzindo  
mídia de qualidade  
para a educação cidadã



< TV > Band • Net/canal 3

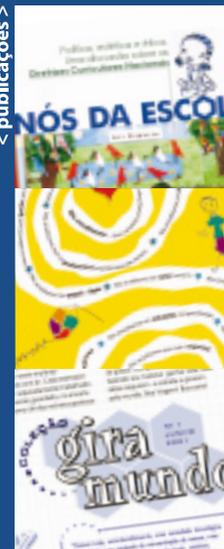


< WEB > [www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br)

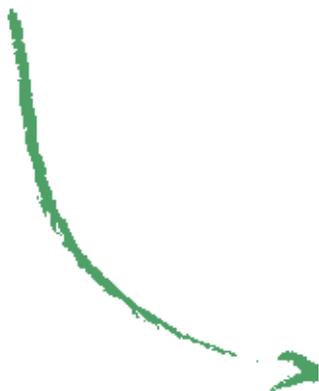
# MULTIRIO



< publicações >



# Teorias, para quê?



...na próxima revista  
**NÓS DA ESCOLA**